

dem ser comparadas com as escolas dos sophistas, que abundavam na Grécia no tempo de Socrates, e em Roma durante o despotismo imperial?

Além disto, na capital do imperio do Brasil, não ha uma só cadeira de literatura nacional e estrangeira, não ha um só professor de historia!... Quem dirá na Europa, que na mais pequena pedre cidade não existe uma cadeira de historia? Mas tal é o facto, e ninguém o pode contestar. A historia, que, como o fanal, conduz a humanidade ao progresso e ao melhoramento de suas politicas theorias, a historia, chave de todos os estudos, pensamento dos pensamentos, que descortinando, dissecando o cadaver do passado, faz d'ele sobre-sahir grandes e eternas verdades, uteis lições e exemplos, que possam repercutir no futuro o echo das ideias desenvolvidas pelo andar dos seculos, a historia não tem uma cadeira publica no Rio de Janeiro.

A litteratura, que comprehende a eloquencia, e a poesia, verdadeiro espelho, onde reflectem as diferentes phases da sociedade, a expressão moral das ideias e opiniões predominantes entre os povos, a eloquencia e a poesia, que exaltam a imaginagão do homem, e que o transportam, o condussem para produzir grandes couças, para dar gloria á sua patria, e ganhar a imortalidade para seo nome, a eloquencia e a poesia não são no Brasil ensinadas!

O estudo da geographia e da rhetorica se acham no mesmo atraso que o da philosophia; e d'aqui provem o pouco gosto, que ha no Brasil, para as letras.

O gabinete de 19 de Setembro, tendo subido ao governo sob tão bellos auspicios, e possuindo tão boas intengões de amelhoramentos para o Brasil, deve-se esforçar em dar uniforiedade e ao mesmo tempo maior latitude á nossa instrucção primaria, d'onde depende o futuro da patria.

P. S.

NOVO EPISODIO

DE UMA VIAGEM AO OUTRO MUNDO.

O SONHO.

Depois de um lauto, saturnal banquete, Onde só poucos convidados foram, Tão famintos, que tudo devoravam, Cançados de comer, ao sonmo cedem, Inda co' as mãos e os labios mal enchutados.

Entra o anjo, leonado, e o anjo branco, Entre elles, um da mesa faz seo leito, Um que se julga igual aos reis da terra, E primo, iraño dos reis se inquere no mundo, Resupino deitou-se, e dormio logo.

Uma mulher bifa ante sobre o collo A cabeça tomou do tanto velho, E co' os labios pejados de ironia Assopra-lhe o ouvido embebedado Co' o vapor da lisongas: "pai da patria, " Heróe, homem sem par, (ia dizendo) " Tu és grande, maior que o Brasil todo. " Não te merece o povo. — O phanatismo " Só de te ver, espavorido foge. " És o Lutero novo; o teu instinto " Vale mais que a sciencia.. E quem, quem pode " Rivalizar contigo na constancia, " Onde, como em penedo, esbarra a inveja, " E a calunia mordaz se despedaga? " Quem ha que os homens mais que tu conheça? " Esses homens, que attentos te rodeiam, " E mal a bocca torces, e a voz soltas, " Cothem tuas palavras inda inda mornas, " Sem nexo, como tantas prophecias? " Quem vê nas couças, ao vulgar ignotas, " Todas as consequencias não previstas? " Só tu tens essa magica sciencia, " Instincto milagroso e diabolico " De tudo conhecer, de saber tudo. "

Estas e outras mentiras adornadas O monstro da lisonja fa vertendo, Despertando a vaidade adormecida, E enchava á cada acento, qual se entona No ar, de gaz pejado, aério globo.

No meio de uma nuvem de perfumes, Um anjo aparecece, em cuja fronte Puro, celeste fogo chamegava; Co' a dextra sustentava o aureo calix Com sangue do cordeiro, e co' a sinistra A Cruz da redempção. O Anjo sereno A voz desprende em placida harmonia, Voz divina, que aos mortos déra vida Emfim faltou. " Mortal, a Fé perjurio, " Aos pés do meo altar tu prometes-te " Ser da grel do Senhor, pastor conspicuo, " E longe de a guardar, ao lobo a entregas. " Porque prestaste o sacro juramento, " Si a vaidade mundana em ti nutrias? " Si a perfidia em teos labios se acoutava? " Si no Christo não eres, porque te adornas " Co' as sagradas insignias; que profanas? " Apóstata; firiste com mãos impias " Da igreja a desciplina, e o sancto velho " Na cadeira de Pedro enchovalhaste. " Da tua mão o ferio com que feres, " Voltára contra ti: serás maldito. " Por teo mesmo rebanho, que te foge. " Vai-te, reprebo, vai-te; o rosto esconde " E penitente sobre-te de cinzas. "

O Anjo disse: — E o velho adormecido, Mesmo sonhando, em colera abrasado, O braço estende, e ao Anjo na mão toca; O calix estremece, respingando O sangue do cordeiro sobre o rosto Mascilento do impio; e cada gota De sangue se converte, em duro espinho.

" Vai-te, reprebo, vai-te; o rosto esconde " E penitente sobre-te de cinzas. "

Disse, e, dando um gemido, ao céo se eleva.

Nisto um gigante aoso de um río s'ergue, Sangue vertendo pelos pores todos; E entorno d'ele sobre as golas ruhras Mil cadáveres boiam; do contrilado, Sobre vasta campina s'erguem combros De ossos, que alvejam, craneos mutilados Despejos de combate; inda gemendo, Faltos de forças, os feridos caiem; Velhos, mulheres, creancinhas choram, E a trombeta da guerra, clangorosa Vai augmentando o horror d'este espectáculo.

Ergue o gigante um pé, e o põe no ventre Do reprebo, que sente o pesadelo E ronca, e bufa, qual bravio touro, Que o gladiador no cyrco a vida arranca.

O GIGANTE.

" Tu me veras presente, sempre, sempre " Como um remorso vivo; meos gemidos " Ha de constantemente exasperar-te, " Vai-te, reprebo, vai-te; o rosto esconde, " E penitente sobre-te de cinzas. "

Tal foi a compressão da inorne planta, Que o reprebo acordou sobre-saltado, E nada viu; — É sonho (disse) — e dorme.

Novos horriveis sonhos o atribulham; Outro gigante no norte se levanta, A pôz esse outro s'ergue, outro, e inda muitos, Todos elles feridos vão passando, E todos o imprecam, e o praguejam: " Vai-te, reprebo, vai-te; o rosto esconde, " E penitente sobre-te de cinzas. "

Mil symbolicos entes; amor patrio Honra nacional, dever, justiça, Leis, constituição, arte, sciencia, Todos foram passando e repetido " Vai-te, reprebo, vai-te; o rosto esconde, " E penitente sobre-te de cinzas. "

Então enfermo e louco se levanta, Espavorido, foge, e em cada canto Cuida ver as imagens que sonhara.

Grita cheio de horror, e os companheiros Que ainda dormem, s'erguem; elle assombrado, Vendo trações, perfidia em toda a parte, Vocifera, e os insulta, e renegando Seos antigos amigos, deixa a sala Do saturnal banquete. — Oh, gragas, gracas! No mesmo instante as nuvens condensadas, Que no nosso horizonte negrejavam, Ante o sol coruscante se dissipam.

M.